

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LAÍS MONTEIRO BARTOLOZZI SILVA

ORIENTADOR
PROF. DR. FELIPE VANDER VELDEN

**A relação entre seres humanos e animais da perspectiva do Budismo Moderno
da Nova Tradição Kadampa**

SÃO CARLOS - SP

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
e-mail: ccgcs@ufscar.br
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
Fones: (016) 3351-8387 - 3509-1839
CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

ATA DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

1º semestre 2022

Listas de conceito I – TCC Incompleto: 2019/2; 2020/1-ENPE 1–2ºsem./2020;
2020/2-ENPE 2–1ºsem./2021, 2021/1-ENPE 3-2ºsem./2021 e/ou
Alunos inscritos em monografia 2021/2-ENPE 4–1ºsem./2022

AVALIAÇÃO

*Sendo avaliada a Monografia por parecer (sem apresentação), além da ata assinada,
deverá ser anexado o parecer ou mencionar na ata – avaliação por parecer*

ALUNO - RA

Banca Examinadora:

Prof. Dr. (Orientador) _____
Docente do Departamento de/CECH/UFSCar

..... (professor convidado do curso ou de outro depto; ou aluno de
doutorado ou docente de outra instituição) _____

Título:

“.....”

Data: de de

Média Final: _____ ()

Observação: _____

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga narrativa teológica budista moderna fundamentada na relação entre seres humanos e não humanos, visando explorar a profundidade desta relação, tal como expressa filosoficamente, materialmente e ontologicamente, em ações práticas observadas na pesquisa de campo desenvolvida no Templo Budista: Centro de Meditação Kadampa Brasil. Este trabalho busca uma reflexão antropológica acerca da compreensão budista contemporânea sobre a importância de todos os seres vivos. Os conceitos budistas desenvolvidos têm o objetivo de um melhor entendimento desta religião, para, conseqüentemente, compreendermos como estes conceitos podem nos ajudar a pensar em nossa relação com os animais na contemporaneidade.

Palavras-chave: Relação entre seres humanos e não humanos; Budismo; Sofrimento; Compaixão; Especismo; Transformação.

ABSTRACT

This course conclusion research investigates a modern Buddhist theological narrative based on the relationship between human and non-human beings, aiming to explore the depth of this relationship, as expressed philosophically, materially and ontologically, in practical actions observed in the field research carried out at the Templo Budista: Centro de Meditação Kadampa Brasil. This paper seeks an anthropological reflection on the contemporary Buddhist understanding of the importance of all living beings. The developed Buddhist concepts have the objective of a better understanding of this religion, for, consequently, to understand how these concepts can help us to think about our relationship with the animals in the contemporaneity.

Keywords: Relationship between human and non-human beings; Buddhism; Suffering; Compassion; Speciesism; Transformation.

“Que cada ser vivo seja feliz, que todo dano e ódio acabem neste mundo, que todos amem uns aos outros perfeitamente, como Buda faz, e que cada ser vivo encontre uma vida significativa.”

Venerável Geshe Kelsang Gyatso Rinpoche

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
SUMÁRIO	6
INTRODUÇÃO	7
MÉTODO	11
SÍNTESE	17
3.1 Os desejos desenfreados	19
3.2 O oceano do Samsara	23
3.3 A bondade no mundo	26
3.4 O (in)divíduo	29
DISCUSSÃO	30
4.1 Alimentação	33
4.2 “Se eu fosse um mosquito, gostaria que entendessem que eu não sei como esse mundo funciona”	36
CONCLUSÃO	37
GLOSSÁRIO	39
REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

As indagações sobre “Quem somos nós?”, “O que seria humano?”, “O que seria o animal?” e “O que nos diferencia de outros seres?” (sejam eles humanos ou não humanos), sempre estiveram presentes na história da humanidade. A distinção entre o humano e o animal – ou entre o que é e o que não é humano – direcionou e resultou em consequências nas relações entre os próprios seres humanos. Para a maioria dos pensadores ocidentais do início do período moderno, qualquer ser humano que não demonstrasse determinado comportamento dado como essencial para a condição do que seria humanidade, como a religião, a alfabetização, cálculo numérico e boas maneiras, era classificado como “sub humano ou semi animal”, como por exemplo: as crianças, as mulheres, pessoas não letradas, pessoas pretas, pessoas indígenas, irlandeses, “loucos”, pobres, moradores de rua, e outros (THOMAS, 1983).

As autoridades católicas e os teólogos da época acreditavam que tanto os animais, como os ditos sub humanos não possuíam alma. Portanto, a animalidade era entendida como uma característica de seres inferiores, na qual não se incluíam somente os animais. Esse conceito da desumanização de seres legitima a violência, exploração e os maus tratos. Na atualidade, a definição de humanidade é:

1. Conjunto de características específicas à natureza humana. "A animalidade e a humanidade residem igualmente no homem".
2. Sentimento de bondade, benevolência, em relação aos semelhantes, ou de compaixão, piedade, em relação aos desfavorecidos. (OXFORD LANGUAGES, 2022)

A partir desta breve reflexão, esta pesquisa tem o objetivo de apresentar a possibilidade de diferentes compreensões sobre as relações entre os animais e o ser humano fundamentada na perspectiva budista moderna da Nova Tradição Kadampa. Para compreendermos, pelo menos um pouco, sobre a Nova Tradição Kadampa, começaremos com uma breve introdução sobre a história desta Tradição e, para facilitar a compreensão dos termos budistas, a definição das palavras que estão em *itálico* se encontram no Glossário ao final do trabalho.

Sidarta Gautama, o Buda, em tradução livre “o Iluminado”, viveu no século VI a.C no norte da Índia, e, segundo consta, despertou da ignorância a partir do

desenvolvimento de 84 mil ensinamentos, os quais foram interpretados pelo seu discípulo Ananda.

O Budismo é uma religião, composta por uma parte filosófica, pois dependem de estudos e práticas fundamentadas nos ensinamentos de Buda Shakyamuni e, portanto todo Budismo vem de Buda Shakyamuni. Mas a religião é composta, também, por uma parte intangível, com práticas ritualísticas, pautadas principalmente na fé em Buda. Seus ensinamentos foram fundamentados com o objetivo de demonstrar como podemos trilhar caminhos interiores para nos levar à libertação do estado de sofrimento, alcançando, assim, a felicidade suprema. Estes ensinamentos foram passados de mestres para mestres, criando distintas Tradições. Assim, o Budismo saiu da Índia e se popularizou no Tibet. Depois migrou para o Japão e a China, e posteriormente chegou até o Ocidente. As Tradições Budistas são definidas pelas distintas interpretações dos escritos, diferentemente das Linhagens, que seria como os ensinamentos chegam e como são difundidos (por mestres indianos e tibetanos, por exemplo).

O termo “Buda” significa “O Desperto”, alguém que despertou da ignorância. É um ser que abandonou por completo todas as *delusões*. Todas as *mentes* possuem a fagulha da natureza búdica, ou seja, a possibilidade de se tornar um Buda (GESHE, 2015) Portanto, todos os seres humanos que alcançaram a *Iluminação* através das instruções de Buda Shakyamuni (o primeiro a se iluminar), se tornaram um Buda. Sendo assim, todos os Budas foram seres comuns, como nós.

Para o Budismo, todo ser vivo tem o potencial para se tornar um Buda; através do desenvolvimento da fé em Buda Shakyamuni e de suas bênçãos podemos realizar todas as práticas budistas e alcançar a plena libertação do sofrimento. No entanto, é possível realizar a prática do *Dharma* sem necessariamente ser budista, através do controle, purificação e transformação da nossa *mente* e conseqüentemente das nossas ações. Por isso, o Templo Pela Paz Mundial Centro de Meditação Kadampa Brasil foi concebido por venerável Geshe Kelsang Gyatso Rinpoche como um local onde todas as pessoas que desejam desenvolver a sua *mente*, ter mais paz, ter uma atitude mais serena e construtiva diante da vida, são bem quistos. Portanto, o Templo (apesar de seguir a Tradição Kadampa) é aberto para pessoas de qualquer opção religiosa, e para todas as pessoas que buscam mais *paz interior*.

Atisha foi o fundador da Tradição Kadampa nos anos 1000, um mestre indiano restaurador do Budismo no Tibete fundando “Os Kadampas”, que significa “KA” (os ensinamentos de Buda) e “DAM” (as instruções de Atisha). A Tradição Kadampa é pertencente à escola Mahayana que, em tradução livre, significa “Grande Veículo”, e é a ideia de que todos os seres vivos, sejam eles humanos ou não humanos, merecem ser felizes. O objetivo da existência é a *Iluminação* de todos os seres.

Quinhentos anos depois, um mestre tibetano chamado Je Tsongkhapa compilou os ensinamentos de Atisha, adaptando sua linguagem e fundando “Os Novos Kadampas”. Já a “Nova Tradição Kadampa” foi fundada por Geshe Kelsang Gyatso Rinpoche (nome que significa “amigo espiritual”), guru desta tradição. É uma Tradição Ocidental, fundada na Inglaterra. A origem do Budismo Moderno Kadampa explica-se por uma busca por caminhos interiores para a libertação do estado de sofrimento, que sejam acessíveis à vida contemporânea, ou seja, como encaixar o *Dharma* em nossa vida diária neste mundo em que vivemos hoje. O objetivo da prática do *Dharma* é obter a *paz interior*, a renúncia do sofrimento, desenvolver um coração de *Compaixão* por todos os seres, desenvolver sabedoria e, conseqüentemente, transformar nossa vida.

O meu orientador, Prof. Dr. Felipe Vander Velden, que na época ministrava uma disciplina da qual eu participava, apresentou-me sua linha de pesquisa realizada em Rondônia com os Karitiana, sobre as relações entre humanos e animais e me indicou uma bibliografia para saber se eu tinha algum interesse nesta área, da qual acabei realmente gostando muito. Junto a isto, sempre tive interesse no Budismo, principalmente por conta da prática da meditação. Nessa mesma época, visitei o Templo pela Paz Mundial em Cabreúva pela primeira vez, acompanhada dos meus pais, em 2019. A todos que chegam para a visita é dado um crachá de visitante com orientações gerais, e duas delas me chamaram muita atenção. A primeira era “tenha cuidado para não matar ou ferir qualquer ser vivo, seja animal ou inseto” e a segunda “não consumir alimentos que contenham carne de qualquer tipo (carne vermelha, aves, peixes, frios, salgadinhos que contenham estes ingredientes)”. Diante dessas observações e do interesse na relação entre os seres humanos e os animais, surgiu a ideia para este trabalho.

Para o início do desenvolvimento desta pesquisa, participei de algumas aulas no “Centro Budista Kadampa Sabedoria” em São Carlos¹. A partir disso, comecei a me organizar para conseguir ir novamente até Cabreúva realizar o Programa de Voluntariado oferecido no Templo Pela Paz Mundial: Centro de Meditação Kadampa Brasil. Realizei o Programa de Voluntariado duas vezes. A primeira vez em janeiro de 2020 e a segunda vez em 2022, já durante a pandemia. Para a inscrição no programa de voluntariado, foi necessário preencher um questionário, realizar uma breve entrevista por telefone, e na segunda vez também foi necessário comprovar a vacinação contra a COVID-19 com as duas doses.

Durante a pandemia, o Templo se manteve fechado para visitantes e sem a possibilidade do Programa de Trabalho Voluntário. Passou, assim, a desenvolver online em seu canal do YouTube aulas, preces e meditações diariamente. Voltou a receber as pessoas e realizar as atividades presenciais a partir de maio de 2021.

Durante as duas vezes em que realizei o Programa de Trabalho Voluntário, havia junto comigo sete pessoas. É possível ter até 10 pessoas voluntárias durante a semana. Normalmente há bastante voluntários, porém tem semanas que não há ninguém. Quando acontece de não haver nenhum voluntário, os residentes mantêm sozinhos os cuidados com o Templo. O trabalho de pessoas externas é chamado de voluntário, porém todo trabalho realizado no templo é voluntário, desde os monges até professores e residentes.

Na primeira vez em que realizei o Programa de Trabalho Voluntário, fiquei hospedada em um chalé coletivo com mais cinco meninas. Os chalés são divididos entre mulheres e homens. Já na segunda vez, por conta da pandemia, fiquei hospedada em um chalé menor com apenas uma colega de quarto. No período da pandemia, o Templo seguiu todas as recomendações dadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Era obrigatório o uso correto da máscara (nariz e boca cobertos) em espaços fechados, distanciamento social nos espaços coletivos e o uso de álcool em gel para todos.

Minha estadia em ambas as vezes foi extremamente tranquila: fiquei rapidamente muito próxima dos demais voluntários, realizando juntos um trabalho

¹ O “Centro Budista Kadampa Sabedoria” em São Carlos possui uma monja-professora e mais 2 professores budistas que ministram aulas durante a semana com diferentes temas, como “Introdução ao Budismo” e “Budismo Moderno”. Para participar das aulas há um valor de contribuição para ajudar com a manutenção do local. Todas as pessoas que trabalham para manter o local são voluntárias. Há pelo menos 26 Centros Budistas Kadampas no Brasil.

em equipe no Templo. Fui muito disposta a realizar o trabalho voluntário e vivenciar esta prática budista, então foi realmente tudo muito tranquilo para mim. Havia uma ótima comunicação com os coordenadores do Programa de Trabalho Voluntário, para qualquer problema que houvesse eram muito atenciosos com todos os voluntários. Fui muito bem recebida por todos, inclusive em relação ao desenvolvimento da pesquisa. O monge-professor foi super receptivo e atencioso, disponibilizou um horário para conversar comigo e responder todas as minhas dúvidas, além das dúvidas que pude tirar durante as aulas.

Antes da pandemia, o Templo costumava receber em média de 600 a 700 pessoas por fim de semana. Já durante a pandemia, esta média caiu bastante, porém chegava a pelo menos 100 pessoas por fim de semana.

Dito isto, o objetivo desta pesquisa é desenvolver uma reflexão sobre a relação entre seres humanos e animais, através dos conceitos e práticas budistas. Pois o Budismo da Nova Tradição Kadampa pareceu-me realmente relevante para pensarmos a respeito da relação das ideias e comportamentos humanos perante os animais. Esta monografia é constituída 1) pela apresentação de conceitos budistas como *mente*, sofrimento, bondade, Renascimento, entre outros; 2) pelo desenvolvimento da concepção do pensamento budista sobre a relação entre seres humanos e seres animais.

2. MÉTODO

O primeiro Templo pela Paz Mundial da Nova Tradição Kadampa foi fundado em 1997, com o nome de Centro Manjushri, no Reino Unido. A partir disso, o Venerável Geshe Kelsang Gyatso criou o Projeto Internacional dos Templos (ITP) com o objetivo de desenvolver mais templos budistas modernos em diversos países pelo mundo. Existem pelo menos, 1.300 Centros de Meditação ou Centros de Retiro em todo o planeta, para a prática e estudo do Budismo Moderno Kadampa no idioma local. Além disso, existem cinco Templos pela Paz Mundial, sendo eles: em Ulverston, no Reino Unido, Glen Spey em Nova York, Cabreúva no Brasil, Sintra em Portugal, Williams no Arizona e em Málaga na Espanha. Todos estes templos possuem a mesma arquitetura, no qual o design foi desenvolvido pelo próprio Geshe Kelsang Gyatso inspirado no palácio celestial da mandala de Buda Heruka, o Buda

da Compaixão. Portanto, cada detalhe do Templo é fundamentado no caminho espiritual a ser desenvolvido pelos seres humanos.

Todos os Templos possuem uma forma quadrada, telhado de oito pontas com cinco níveis octogonais, com vidros de diferentes cores. No topo, em seu exterior, há uma coroa simbolizando a *Iluminação*, o objetivo desta vida. No teto, em seu interior, há a *Roda do Dharma*, que é a roda que devemos girar na vida, para adquirir a prática budista de seguir o *Dharma*, os ensinamentos de Buda Shakyamuni. Em seu interior, possui um altar com 17 imagens de Budas, como por exemplo o Buda da Sabedoria (Manjushiri), Buda da Medicina, Buda da Vida Longa (Amitayus), Tara (Buda feminino), entre outros. Também no altar ficam as oferendas realizadas como por exemplo, sete vasilhas de água, álcool, mel, chocolates, incensos, flores, frutas. O intuito das oferendas é treinar a generosidade e o desapego.

O Templo pela Paz Mundial: Centro de Meditação Kadampa Brasil foi o terceiro a ser inaugurado, em outubro de 2010, e é o maior Templo da Nova Tradição Kadampa do mundo. Está localizado em Cabreúva, na Serra do Japi, no interior do estado de São Paulo.

O Templo possui em sua área, logo ao entrar, um prédio amarelo, onde fica a portaria, sala de meditação, algumas suítes as quais as pessoas podem alugar para se hospedar e uma cozinha e lavanderia comunitárias. Seguindo o caminho, há dois bancos com uma vista magnífica para o Templo, onde as pessoas podem se sentar para meditar, descansar e relaxar durante sua visita. Ao lado esquerdo, há mais um prédio destinado somente às pessoas que vão realizar retiros espirituais, com suítes, sala de meditação e cozinha. No centro, encontra-se o Templo, que possui ao seu redor uma loja para a venda dos livros escritos por Geshe Kelsang Gyatso e outros diversos produtos, caso queira levar alguma lembrança do Templo ou presente para alguém. Todo o lucro obtido na loja é destinado para manter os gastos do próprio Templo. Também há uma biblioteca ou sala de convívio, com inúmeros livros do Geshe Kelsang Gyatso em diversos idiomas, disponíveis para quem está hospedado no Templo. Dentro do Templo, na parte traseira, ficam os quartos onde os monges e residentes moram. Ao lado direito, há uma cafeteria, somente com produtos vegetarianos ou veganos, para os visitantes frequentarem após as aulas e sessões de meditação, sendo o lucro obtido na cafeteria também destinado a manter os gastos do próprio Templo. Há também um vestiário e os chalés onde os voluntários ficam alojados. Atrás do Templo, fica o refeitório e a cozinha.

As pessoas que trabalham lá mudam muito, mas nas duas vezes em que estive lá, havia pelo menos quatro monges. Há também os voluntários fixos, alguns deles residentes, outros não, que são responsáveis por outras atividades, diferentes das do Programa de Voluntariado, como a divulgação das aulas, as redes sociais do Templo, a organização do calendário do Templo em aulas, festivais e retiros, o financeiro do Templo, a coordenação dos voluntários, entre outras.

Em ambas as vezes que realizei o Projeto de Voluntariado, havia cachorros no Templo. Ao redor do Templo fica localizada a Serra do Japi, onde também se encontram vários sítios e fazendas próximas. Por este motivo, é frequente o aparecimento de cachorros, que acabam ficando no Templo. Eles não são propriamente do Templo, porém, as pessoas residentes ali acabam cuidando desses animais, dando água, ração, a vacinação completa necessária e buscando, através de suas redes sociais, donos/tutores para adotarem estes cachorros sem lar. Na primeira vez em que realizei o voluntariado, havia dois cachorros que foram adotados. Já na segunda vez em que realizei o voluntariado, havia uma cachorra grávida que teve 11 filhotes, dos quais os residentes do Templo cuidaram e se mobilizaram para conseguir que todos os cachorros fossem adotados. Apenas dois não foram adotados e, atualmente, os dois filhotes e a mãe permanecem no Templo temporariamente, até que encontrem um lar.

Como já dito, para o desenvolvimento desta pesquisa, participei do Programa de Voluntariado do Templo, no qual há uma troca em atividades para manter o cuidado do local e a experiência do contato com o cotidiano do Templo com o objetivo de expressar a fé e o exemplo da prática budista contemporânea. Aos voluntários são oferecidos moradia em um chalé coletivo, refeições e um dia de descanso. Neste período, eles podem também realizar as aulas e meditações ofertadas pelo Templo.

Através da observação participante com trabalho voluntário, da descrição etnográfica, da participação das aulas ofertadas no Templo, e de diálogos com monges residentes no Templo e demais voluntários, esta pesquisa pretende explorar a narrativa teológica e moral que está na base da troca que alicerça a relação entre seres humanos e não humanos, e que é fundamentada na compreensão singular do Budismo a respeito da Natureza dos seres.

Ao participar do trabalho voluntário exerci diversas atividades: limpeza de banheiros, suítes, chalés, refeitório e do próprio Templo, organização de ambientes,

recepção de pessoas visitantes, atendimento na loja, troca de oferendas do Templo, entre outras. O horário de trabalho voluntário durante a semana é das 9h às 12h, com pausa para o almoço, voltando das 13h até às 17h. Já durante o fim de semana, quando o Templo abre para a visita, o horário é das 8h até 12h, com pausa para o almoço, voltando às 13h até 17h. Em todas as distintas tarefas, pude experimentar a atmosfera do local e os propósitos pessoais relacionados à prática budista, tanto pelo desenvolvimento do trabalho ofertado no Templo, como pelo método da descrição etnográfica utilizado na pesquisa. A experiência da realização da etnografia também me ajudou a compreender a minha própria experiência interior ao vivenciar a prática budista no Templo.

A troca estabelecida entre o Templo e o voluntário é muito mais ampla e profunda do que uma simples troca material entre trabalho-abrigo-alimentação. É a possibilidade prática de observar e experimentar distintos estados mentais, um treino diário, constante e ativo da *mente*. Portanto, o próprio trabalho voluntário seria um meio da prática do *Dharma*.

A seguir, algumas fotografias tiradas por mim durante minha segunda estadia no Templo em 2022:



Fotografia 1: Templo pela Paz Mundial - Centro de Meditação Kadampa Brasil



Fotografia 2: Templo pela Paz Mundial - Centro de Meditação Kadampa Brasil. Ao lado esquerdo se encontra o prédio de retiro espiritual e ao lado direito a cafeteria.



Fotografia 3: Subindo a direita está localizada a Cafeteria e ao lado esquerdo os chalés no qual os voluntários ficam hospedados.



Fotografia 4: Vista para a Serra do Japi, ao redor do Templo.



Fotografia 5: Banco para sentar, meditar e relaxar, com vista para o Templo. Ao fundo se encontra o prédio Amarelo.



Fotografia 6: Altar dentro do Templo Pela Paz Mundial. Este primeiro altar é onde o Monge-professor se senta para presidir as aulas, meditações e preces. Atrás do trono do Monge-professor, está o trono do Venerável Geshe Kelsang Gyatso Rinpoche, que ele inaugurou em sua vinda ao Templo em 2010. Atrás do altar se encontra o altar dos Budas, onde são colocadas as oferendas.



Fotografia 7: Caramelinha, uma das filhotes residentes temporariamente do Templo.

“Só de ver esses preciosos Templos gera em nosso *continuum mental* poderosas potencialidades para encontrar o sagrado *Dharma* e completar o caminho para a libertação.” (GESHE, [Templos pela Paz Mundial - Budismo Kadampa](#))

3. SÍNTESE

Esta síntese trata-se de uma introdução do pensamento sobre a busca do ser humano na compreensão de quem somos nós, como humanidade. Para isto, serão desenvolvidos conceitos importantes para a compreensão desta religião e para começarmos a compreender como, para o Budismo, os seres humanos e animais se encaixam diante dela. Portanto, desenvolveremos a seguir, a partir do Budismo da Nova Tradição Kadampa, conceitos como o *Ciclo de Samsara*, os 6 reinos possíveis de Renascimento, *mente*, individualidade (ou a errônea percepção dela), o sofrimento na vida e suas causas, *Compaixão* e a interconectividade de todos os seres vivos.

Historicamente, a compreensão do que é a humanidade, seja pautada na natureza ou nela mesma, sempre esteve presente no debate filosófico, tanto no Ocidente, como por exemplo com os filósofos Pré Socráticos, como no Oriente, por exemplo com Buda Shakyamuni. Para além da compreensão antropocêntrica, o ser humano começou a procurar a resposta do que é realmente ser um ser humano, direcionando seu olhar também para o mundo da interioridade.

“Na história do pensamento antropológico, o conhecimento voltado ao homem e sobre ele começa, após os pré-socráticos, com o redirecionamento do olhar do homem sobre si mesmo, deixando de considerar-se a partir da contemplação do cosmos no qual se vê inserido e no qual pretende espelhar-se. “Conhece-te a ti mesmo” é a inscrição que encontram os visitantes de Delfos ao passarem pelo seu pórtico. Em vez de consultar horóscopos ou escutar prenúncios de pitonisas gregas e arúspices romanos, aconselha-se a descoberta do mundo da interioridade, o mergulho no abismo que cada um traz inexplorado em si mesmo.” (PIVATTO, PERGENTINO, 2016, pg. 118)

Para o Budismo da Nova Tradição Kadampa, tudo surge da nossa *mente*²; portanto, a compreensão da realidade, do que seria a humanidade e até mesmo a natureza, depende dela.

“A experiência mística, o encontro com o sagrado, é o encontro com a natureza Buda, a nossa verdadeira essência. Não há nomeação de “Deus”. Não há outro Criador, que não a nossa própria mente. O nosso entorno se resulta através da designação mental, ou seja, todas as coisas que existem à nossa volta e no Universo, surgem da mente. Sendo assim,

² A *mente* é a grande geradora de tudo. As coisas existem por elas mesmas, porém nada existe independentemente da *mente*.

“A mente é algo cuja natureza é vazia, semelhante ao espaço; a mente nunca teve características físicas, formato ou cor; e a mente atua percebendo e compreendendo objetos – essa é a sua função.” (GESHE, 2015)

“o mundo é resultado do Karma ou ações, dos seres que nele habitam” (GESHE, 2015, pg.14)

As suas razões se encontram na *mente*, e não no físico-material e, desse modo, as respostas para as questões exteriores se encontram em nosso interior.

“Como a maioria das pessoas acredita equivocadamente que os problemas exteriores são os seus próprios problemas, elas buscam refúgio em objetos errôneos. Como resultado, o seu sofrimento e os seus problemas nunca acabam.” (GESHE, 2015, pg.6)

A partir do *Dharma* (ensinamentos e instruções de Buda Shakyamuni) existem as Sadhanas, que são métodos estabelecidos a partir de preces, conexões e pedidos que servem para o desenvolvimento de uma *mente virtuosa* e a abertura do coração, pois um coração mais forte resulta em uma *mente* mais forte, conseqüentemente menos sofrimento. Portanto, “os ensinamentos de Buda são métodos científicos para solucionar permanentemente os problemas de todos os seres vivos” (GESHE, 2015).

Para buscarmos respostas no nosso interior, é necessário ter uma *mente* clara, uma *mente* de paz. Caso tenhamos uma *mente* nebulosa, não conseguiremos compreender com clareza nada do que nos é apresentado. Para obtermos uma *mente* clara, é necessário entender o que é o sofrimento. Logo, entender a origem de nossos problemas e sofrimentos é purificar a *mente*.

Sem *paz interior*, a paz exterior é impossível. Se nossa *mente* não está em paz, mesmo que tenhamos condições ideais, descobrimos que não é possível sermos felizes. Por outro lado, quando experimentamos um estado mental pacífico, podemos ser felizes, mesmo que nossas condições externas sejam ruins. Portanto, o desenvolvimento dessas qualidades é de maior importância para a felicidade (in)dividual³ diária e para a nossa sociedade em geral.

“Estaremos, então, livres de todas as falhas e obscurecimentos mentais e possuiremos as qualidades necessárias para ajudar diretamente todos os seres vivos. Seremos, então, um objeto de refúgio para todos os seres vivos. Por meio dessa compreensão, podemos entender claramente que a conquista da Iluminação é a meta última e suprema e o real sentido da nossa preciosa vida humana.” (GESHE, 2013, pg.46)

É importante dizer, que todos os seres, sejam humanos ou animais, são seres sencientes, por definição são “seres capazes de sentir ou perceber através dos sentidos. Que possuem ou conseguem receber impressões ou sensações”

³ O conceito do (in)divíduo será desenvolvido no tópico 3.4

(OXFORD LANGUAGES, 2022): ou seja, possuem uma *mente*⁴. Posto isso, todos os seres, humanos ou animais, experienciam sofrimento. Nos próximos tópicos desenvolveremos também as possíveis diferenças entre a *mente* humana e a *mente* animal, e porque é tão necessário apreciarmos todos os seres vivos, sejam eles, humanos ou não humanos.

3.1 Os desejos desenfreados

“Quando os desejos diminuem, a asserção de Sófocles revela toda a sua justeza. É como se nos libertássemos de inúmeros e enfurecidos senhores. No que diz respeito aos desgostos, aos aborrecimentos domésticos, estes têm apenas uma causa, Sócrates, que não é a velhice, mas o caráter dos homens. Se eles tiverem bom caráter e espírito equilibrado, a velhice não lhes será um fardo insuportável. Para os que não são assim, tanto a velhice quanto a juventude lhes serão desgostosas.” (PLATÃO, 2002, pg.5)

Para o Budismo, todos os problemas experienciados por seres humanos ou não humanos são advindos do desejo descontrolado de realizar os próprios desejos. Grande parte dos seres humanos ou não humanos acreditam que os problemas mundanos são ocasionados por fatores externos, buscando respostas e refúgio em objetos materiais, resultando em um sofrimento inacabável. “Os desejos humanos desenfreados são o princípio causal do sofrimento, resultantes da ignorância da natureza do ser, ou seja, a falta de consciência do *agarramento ao em-si*” (GESHE, 2015). A falta de conhecimento, ou seja, a ignorância, nos leva a pensamentos *não virtuosos*. Portanto, a causa do sofrimento é a ignorância da nossa natureza espiritual.

O estudo e a prática do *Dharma* são apresentados como a maneira para o controle dos desejos, já que “todos os seres vivos têm o desejo sincero de evitar sofrimento e problemas de forma permanente” (GESHE, 2015). Portanto, “podemos compreender que todos os seres vivos precisam praticar o *Dharma*, uma vez que todos – sejam eles humanos ou não-humanos, budistas ou não-budistas – desejam ser livres do sofrimento e dos problemas.” (GESHE, 2015), pois “é somente quando alcançarmos a *Iluminação* que conseguiremos satisfazer nosso mais profundo desejo por felicidade pura e duradoura, pois nada neste mundo impuro tem o poder de satisfazer esse desejo” (GESHE, 2013).

⁴ Diferentemente das plantas, que possuem energia vital, mas não possuem *mente*.

Seguindo este raciocínio do Budismo, é possível pensarmos na filosofia de Peter Singer. Para ele os seres animais merecem o direito de viver com igualdade e respeito, principalmente pelo fato de sofrerem: “a questão não é: Podem eles raciocinar? nem: Podem eles falar? mas: Podem eles sofrer?” (SINGER, 2013, lembrando o filósofo Jeremy Bentham). Para ele, a capacidade de sofrimento e alegria é suficiente para afirmarmos que os seres animais possuem interesses: o interesse de não sofrer. A evidência de que os seres animais sofrem é afirmada pelo fato de sentirem dor, observados a partir de comportamentos como se contorcer, gritar, tentar fugir daquilo que provoca a dor, entre outros; e a semelhança do sistema nervoso dos seres animais (principalmente os mamíferos, mas não somente) com o sistema nervoso humano (SINGER, 2013).

Portanto,

“all animals capables of suffering are entitled to a certain kind of equality, that is, their suffering should be given the same weight as the similar suffering of any other being. So that, if we compare, for example, the suffering of a dog or a pig and the suffering of a small human child... I think they're just as bad, I mean, if we can say there's similar kinds of suffering, it's just as bad that the pig or the dog should suffer as that the child should suffer. And that's the sense in which I think they should have equal moral status. We should not say “because this is not a human being, its suffering doesn't matter or doesn't matter as much as the suffering of a human being would matter”(...) So, then the question is what follows from this about the way we treat animals and in particular whether we are justified in eating them, and, as I said, it's not so much the fact that animals are killed in order to be eaten by us, but rather than in any commercial system of raising them, their interest are not really counted properly, so when I said we should give equal consideration for their suffering, we don't do this, instead we build these enormous industrial farms, these factory farms, and we transport them in horrific conditions, long distances, and then we slaughter them all so often with pain and suffering, so I think I see this is the main reason why we should not eat them, because, if we do eat them, we support these commercial industrialized systems of raising and killing animals, which I think it's clearly wrong because they don't respect the equal significance of the suffering of animals.” (SINGER, O status moral do sofrimento. YouTube, 2014)

Para o Budismo da Nova Tradição Kadampa, os seres humanos e os animais possuem sentimentos. A partir do que os seres sentem, são criadas causas, advindas do *Karma*, resultando em experiências vividas por estes seres. Assim, os seres humanos e os animais podem experimentar medo, frio, solidão, raiva, entre outros. A diferença fundamental entre os seres humanos e os animais é que os seres humanos podem transformar essas condições adversas, através do controle da *mente*, optando por agir racionalmente através de *ações virtuosas*, já os animais, que agem instintivamente, necessitam de boas condições dadas por outro ser,

normalmente o ser humano. Portanto, cabe ao ser humano proporcionar carinho, amor e paz para os animais.

A *meditação* é uma ferramenta utilizada para desenvolver a fé budista, que é movida pela fé em Buda Shakyamuni. A partir do desenvolvimento desta fé, naturalmente o desejo da prática do *Dharma* surge. Com a prática atrelada ao esforço contínuo, o resultado é a libertação permanente do sofrimento (desta e de futuras vidas).

A grande vontade de deixar as razões de sofrimento é designada no Budismo como “renúncia”. Sendo esta o caminho da sabedoria, para a libertação do sofrimento, através do controle dos nossos desejos e, conseqüentemente, da abertura para a *Compaixão*.

A *compaixão* faz parte dos valores estabelecidos do que realmente seria ser um ser humano. Porém, a *compaixão* desenvolvida pelos seres humanos é, de fato, seletiva. O que notamos na realidade social, seja ela Ocidental ou Oriental, Antiga ou Contemporânea, são relações estabelecidas em desigualdades, preconceitos, intolerâncias e no especismo.

“O especismo é uma forma de discriminação contra quem não pertence a uma determinada espécie. Similar ao racismo, o sexismo e outros tipos de preconceito, o especismo se utiliza de argumentos sem base científica ou moral para validar a exploração e subjugo de uma espécie sobre outra.” (FOLTER REGIANE, 2020)

A *Compaixão* está fundamentada em apreciar os outros, o contrário do auto-centrismo, não permitindo espaço para o especismo antropocêntrico, compreendendo todas as criaturas e seres existentes como devidamente importantes, passíveis de admiração e reconhecimento.

“Podemos desenvolver uma visão realista do mundo, fundamentada na compreensão da igualdade e da interdependência entre todos os seres vivos. Quando enxergamos todos e cada um dos seres vivos como importantes, naturalmente desenvolveremos boas intenções em relação a eles.” (GESHE, 2013, pg. 49)

Portanto, “apreciar os outros é a proteção suprema contra sofrimento e problemas e nos capacita a permanecer calmos e serenos o tempo todo” (GESHE, 2013). A partir da lógica budista, desenvolvendo o sentimento profundo de *Compaixão*, e assim, conseqüentemente, compreendendo a totalidade da realidade como importante, incluindo todos os seres, objetos, elementos existentes:

“não teremos o desejo de feri-los e iremos parar de nos envolver em ações destrutivas e prejudiciais. Observaremos, naturalmente, disciplina moral

pura e nos absteremos de matar ou de sermos cruéis com os outros seres vivos, de roubá-los ou de interferir em seus relacionamentos” (GESHE, 2013, pg. 56).

Deste modo, a prática do *Dharma*, através das *meditações* e contemplações sobre os desejos descontrolados e a compreensão da *Compaixão*, resultam em um treino gradual da *mente*, envolvendo a sensibilidade individual⁵ e a disciplina no controle das reações mentais. Assim sendo,

“é claro que não conseguiremos apreciar todos os seres vivos de imediato, mas, treinando nossa mente nessa atitude, começando com os nossos familiares e amigos, poderemos gradualmente ampliar o escopo do nosso amor até abranger todos os seres vivos” (GESHE, 2013, pg. 58).

Ao assistir uma aula sobre a Raiva, foi-me dito que a *mente* de raiva é uma das piores mentes que podemos cultivar. A raiva está dentro de nós, e a causa dela é o *agarramento ao em si*, o apego. A nossa *mente* pode estar onde queremos que ela esteja, e quando sentirmos raiva, ao invés de nos entregarmos a ela, poderemos parar e refletir: “eu não sou um animal, eu sou um ser humano”. Tanto os seres humanos como os animais, não podem controlar os acontecimentos, mas, diferentemente dos animais, os seres humanos podem controlar as próprias ações diante dos acontecimentos. O ser animal não possui essa liberdade. Se um animal está com dor, ele pode morder ou chorar, reagindo instintivamente. Já os seres humanos, se quiserem, podem agir de modo diferente. Portanto, ao optar por não agir através dos nossos sentimentos e desejos descontrolados, estamos recuperando “o que temos de mais humano”. Agir ou não como um ser humano, implica muito além de simplesmente ser um ser humano. Ser um ser humano é “ter a oportunidade de abrir os olhos da sabedoria, alcançar a libertação permanente do sofrimento e a felicidade suprema da Iluminação” (GESHE, 2015).

Ao treinar a *mente*, desenvolvendo um coração de *compaixão*, para o qual não há como desprezar qualquer outro ser vivo. Consequentemente, respeitar os não humanos é também respeitar os humanos, intuitivamente

“a human being is an animal, a part of nature. But we single ourselves out from the rest of nature. We classify other animals and living beings as nature, as if we ourselves are not part of it. Then we pose the question, “How should I deal with Nature?” We should deal with nature the way we deal with ourselves...! Harming nature is harming ourselves, and vice versa” (KEMMERER, 2012, pg. 104).

⁵ Tocar no íntimo, sensibilizar o âmago de uma pessoa.

3.2 O oceano do *Samsara*

A natureza do *Samsara* é o sofrimento: tudo que existe no nosso estado mental natural é o sofrimento, portanto precisamos praticar o *Dharma*, e desenvolver um estado pacífico e virtuoso, transformando a nossa *mente*, para nos libertarmos deste ciclo. Portanto, são as nossas ações mentais, devido a desejos incontrollados, que nos prendem na *Roda de Samsara* nos mantendo em um ciclo de sofrimento. Ao ter uma *mente* negativa, conseqüentemente realizamos ações negativas, gerando *Karma* e sofrendo, vida após vida. Para romper o *ciclo de Samsara*, são necessários essencialmente três valores: intenção, consciência e reflexão. À vista disso, no Budismo não há culpa, somente consciência e ignorância.

Todos os seres, humanos e não humanos, estão imersos no *Ciclo do Samsara*. Neste estado, todos os seres experienciam envelhecimento, doenças, perdas, mortes, renascimentos, em um ciclo eterno, vida após vida. Enquanto este ciclo não for cessado, é impossível obter uma libertação plena e permanente do ser.

Dentro do *Ciclo do Samsara* há a existência de seis reinos nos quais podemos renascer⁶: três superiores (seres humanos, deuses, e semi deuses) e três inferiores (animais, espíritos famintos e seres do inferno).

Desta forma, humanos e não humanos podem compartilhar o mesmo destino após a morte. Em todos os 6 reinos, há sofrimento. Nos reinos inferiores, os seres do inferno são os que vivenciam maior sofrimento, é um mundo doloroso e assustador, devido às conseqüências dos tipos de ações negativas mais destrutivas. Os espíritos famintos são seres que vivenciam a sensação de fome e sede incessantemente. Os animais podem vivenciar, principalmente, cinco tipos de sofrimento: a ignorância, calor e frio, fome e sede, e exploração humana (como comida, entretenimento ou trabalho penoso).

Já nos reinos superiores, os principais sofrimentos dos seres humanos são: o nascimento, envelhecimento, doenças, morte, ter de nos separar do que gostamos, ter de encontrar o que não gostamos, e não conseguir satisfazer nossos desejos. Os semideuses, são seres que sofrem com o sentimento de inveja, possuem os corpos e ambientes inferiores aos dos deuses. Os deuses possuem uma vida com diversos conflitos, são deprimidos e insatisfeitos, estão sempre em conflito com os

⁶ A *mente* em seu Renascimento pode ocupar um corpo tanto de ser humano, deus ou semideus como de animais, espíritos famintos ou seres do inferno.

semideuses e muitas vezes são mortos por eles. Apesar dos deuses possuírem a condição mais alta no *Ciclo do Samsara*, ainda podem experimentar até mesmo mais sofrimento mental do que os seres humanos.

Dentro desses reinos nos quais podemos renascer, somente no reino dos seres humanos é possível alcançar a *Iluminação*. É dito que apenas a cada cem mil anos podemos obter uma vida de seres humanos novamente, o que reafirma a sua preciosidade. Portanto, após renascer em um reino inferior, é absolutamente difícil conseguir renascer nos reinos superiores. Principalmente, ao nascer como espíritos famintos ou seres do inferno, que sucessivamente “morrem e ressuscitam várias vezes por dia, até que seu *Karma* negativo seja exaurido” (GESHE, 2010).

Esses reinos não são lugares, ou alguma dimensão, e sim um estado da *mente*, pois “os seres vivos são extremamente diversos, e suas experiências são tão diversificadas quanto as *mentes* que as criam” (GESHE, 2010).

Cometer ações não virtuosas é a causa principal do Renascimento inferior, mas o estado da nossa *mente*, ao morrermos, também pode determinar como renasceremos. Portanto, se morrermos com uma mente de paz, isso resultará num Renascimento afortunado; mas se morrermos com uma mente de raiva, resultará num Renascimento desafortunado.

“Quando morrermos, o mundo que agora experienciamos com nossas consciências sensoriais se tornará não existente, e o mundo que aparecerá quando renascermos será inteiramente novo. Se entendermos isso, veremos que os diferentes mundos não existem inerentemente. A maneira como nosso mundo nos aparece depende da nossa mente. Uma mente pura experiencia um mundo puro, uma mente impura experiencia um mundo impuro. De todos os mundos impuros, o inferno é o pior. É o mundo que aparece aos piores tipos de mente. O mundo de um espírito faminto é menos impuro, e o dos animais, menos impuro ainda. O mundo que aparece aos seres humanos é menos impuro que aquele que aparece aos animais; e o mundo que aparece aos deuses é menos impuro que o que aparece aos seres humanos. Uma mente completamente pura perceberá o mundo como uma terra búdica, o ambiente puro de um Buda” (GESHE, 2010, pg. 31).

Sozinhos, os seres vivos não possuem condições para obter um estado mental pacífico, somente recebendo bênçãos de Buda em nosso *continuum mental*⁷ que podemos obter paz verdadeiramente. Todos os seres obtêm esta benção, sendo seres humanos ou seres não humanos, pois Buda possui *compaixão* por todos. Os

⁷ “A *mente* não é uma entidade independente, e sim um *continuum* em constante mudança” (GESHE, 2015), ou seja, nossa mente inclui todos os momentos, objetos, desejos, vontades, ações realizadas, portanto “no *continuum mental* de cada ser vivo existe uma pessoa imortal (um eu imortal), que possui um corpo imortal” (GESHE, 2015), corpo este, que pode ser de um ser humano ou não humano, como dito anteriormente.

animais são capazes de experienciar paz mental, e se sentem felizes quando a obtêm. Mas, para todos os seres vivos, mesmo que as condições exteriores sejam perfeitas, a felicidade é advinda, como vimos, somente interiormente, através da paz mental.

O sofrimento da vida é correspondente ao seu respectivo mundo, ou seja, se o Renascimento ocorrer como um ser humano, o sofrimento experienciado será de um ser humano, sendo assim respectivamente e sucessivamente para os seis reinos. Por isso, é necessário obter a libertação permanente do ser. Entretanto, podemos experienciar determinados reinos, mesmo sendo pertencentes a outros reinos. Por exemplo: seres humanos ou não humanos podem experienciar o reino dos espíritos famintos ao passar grande sofrimento por conta da fome e sede, ou podem experienciar o reino do seres do inferno ao passar por uma situação de completo desespero em meio ao fogo descontrolado ou frio intenso que possa causar morte por hipotermia. Ou, até mesmo, ser um ser humano que não detém uma vida significativa, ou seja, se encontra preso no *agarramento ao em si*, possuindo uma *mente* no estado animal, desperdiçando a prática de realmente ser um ser humano. Este fenômeno é chamado de similitude da *mente*.

Dessa maneira, para o Budismo, todas as espécies estão sujeitas à Lei do *Karma*, as ações e escolhas dos seres humanos e não humanos resultarão em suas experiências futuras, determinando o seu Renascimento. Os seres humanos podem auxiliar os seres humanos e não humanos em seu Renascimento através da realização da prece cerimonial denominada POWA (preces e meditações pelos recém-falecidos: transferência de consciência) criando boas condições para que os seres humanos ou não humanos tenham um Renascimento afortunado.

Logo podemos concluir que, no Budismo, nem a moralidade nem o processo cósmico de justiça são especistas, pois não se resumem ao mundo e às experiências dos seres humanos apenas.

3.3 A bondade no mundo

Na perspectiva budista, o fundamento da bondade é imprescindível para compreender como estamos vivos e, conseqüentemente, como temos a possibilidade de alcançar a *Iluminação* e de obtermos uma vida significativa, ou seja, desenvolvermos a prática espiritual, executando os ensinamentos do *Dharma*. Além

de ser mais um motivo para desenvolvermos a *Compaixão* por todos os seres, a bondade é sinônimo de benefício.

Como seres humanos, seres sociais e sociáveis, somos absolutamente dependentes uns dos outros em todos os âmbitos de nossa existência. Seja socialmente, politicamente, biologicamente, psicologicamente, economicamente, sentimentalmente, emocionalmente, e por aí vai. É inevitável compreender a importância do outro em nossas vidas, pois “se tivéssemos que restituir tudo o que os outros têm dado a nós, não nos restaria absolutamente nada” (GESHE, 2013). Através do conceito budista de bondade, é proposto compreender a importância dos outros de uma maneira ampla e total, considerando todos os seres existentes.

A bondade dos outros seres, pode ser relacionada com o conceito de Teia de Interdependência (ELIAS, 1994): estaríamos ligados uns aos outros, formando uma grande teia de relações globais advinda das necessidades biológicas dos seres humanos; por exemplo, ao nascermos:

“vimos a este mundo nus e de mão vazias, mas imediatamente nos deram um lar, comida, roupas e tudo que precisávamos. Enquanto éramos um bebê-indefeso, nossa mãe nos protegeu de perigos, alimentou-nos, limpou-nos e amou-nos. Sem sua bondade, hoje não estaríamos vivos” (GESHE, 2013, pg. 50).

E também das necessidades socialmente estabelecidas: “Todos os recursos e instalações que damos como certos, como casas, carros, estradas, lojas, escolas, hospitais e cinemas, são produzidos somente através da bondade dos outros” (GESHE, 2013).

No Budismo, a figura da mãe é vista como uma representação da bondade, pois é graças a mãe, que podemos nascer e obter uma vida. A mãe possui tanta bondade permitindo que outro ser fique em seu útero, dando a oportunidade de experimentar uma vida. Após nascermos, a mãe, através de sua bondade, nos oferece todo cuidado necessário enquanto somos um frágil bebê e devido aos seus cuidados, permanecemos vivos⁸. No caso de seres humanos, é graças à nossa mãe que temos a oportunidade de pôr o *Dharma* em prática e atingir a *Iluminação*.

A partir desta reflexão, considerando o Renascimento que experienciamos infinitas vezes dentro dos possíveis 6 reinos, sejam de seres humanos ou de não

⁸ Na perspectiva Budista, mesmo que você não conheça ou não tenha uma boa relação com a sua mãe, alguém cuidou de você quando bebê e/ou criança, realizando a função deste papel, pois se não, você não estaria vivo neste momento.

humanos, todos os seres existentes podem ter sido nossas mães, estabelecendo assim, uma relação de parentesco entre todos os seres. Portanto,

“já que não há um ser vivo que não tenha sido nossa mãe em algum momento de nossas vidas passadas e já que, quando fomos seus filhos, eles nos trataram com a mesma bondade que a nossa mãe atual tem nos tratado nesta vida, todos os seres vivos são muito bondosos.” (GESHE, pg. 71, 2015)

Além disso, a *Compaixão* é necessária para percorrer o caminho até a *Iluminação*. É a única maneira de desenvolvê-la é através de todos os outros seres. Portanto, todos os seres humanos e não humanos são bondosos, simplesmente por darem a oportunidade do desenvolvimento da *Compaixão* e, assim, a oportunidade de obter felicidade suprema e alcançar a meta suprema desta vida humana: a *Iluminação*.

Na perspectiva budista, a bondade fundamenta a conexão com os outros seres, sejam humanos e não humanos. Quando compreendemos como todos os seres são bondosos, mudamos nossa percepção e estabelecemos uma interconexão de amor entre todos os seres vivos; sendo assim, a bondade dos outros cura a nós mesmos. Não há nada na existência que não seja nos dados a partir da bondade dos outros, “até mesmo o nosso corpo, é resultado da bondade dos outros” (GESHE, 2013).

À vista disto,

“precisamos dos outros para nosso bem-estar físico, emocional e espiritual. Sem os outros, não somos nada. Nossa impressão de que somos uma ilha, um indivíduo autossuficiente e independente, não possui relação alguma com a realidade. É mais próximo da realidade nos imaginarmos como uma célula no vasto corpo da vida – distintos, porém intimamente ligados a todos os seres vivos. Não podemos existir sem os outros, e eles, por sua vez, são afetados por tudo o que fazemos. A ideia de que é possível garantir nosso próprio bem-estar enquanto negligenciamos o bem-estar dos outros, ou até mesmo à custa deles, é completamente irrealista” (GESHE, 2013, pg. 53).

Para o Budismo, a grande teia de relações globais se estenderia infinitamente, resultando em uma teia inter-vida⁹, pois o meu eu de hoje está conectado com o meu eu de ontem, no meu *continuum mental*. Portanto

“estamos todos interconectados numa rede de bondade da qual é impossível nos separar. Tudo que temos e tudo de que desfrutamos, inclusive nossa própria vida, deve-se à bondade dos outros. De fato, toda a felicidade que existe no mundo surge como resultado da bondade dos outros” (GESHE, 2013, pg. 53).

⁹ Entre diversas vidas.

A partir da compreensão de Renascimento desenvolvido no tópico anterior, adjunto o conceito de inter-vida, podemos compreender porque todos os seres humanos e não humanos são bondosos conosco. A concepção budista da bondade e da interconectividade de todos os seres pode ser aplicada em diversos ambientes e contextos sociais, pois “em todo ramo de atividade, a melhor maneira de garantir sucesso é fazer com que as pessoas envolvidas reduzam seu autoapreço e tenham um maior senso de consideração pelos outros” (GESHE, 2013). Conseqüentemente, isso gera empatia e uma melhor possibilidade em relações, sejam elas entre seres humanos e seres humanos, ou seres humanos e não humanos. Portanto, o Budismo traz mais uma razão para apreciar e compreender todos os seres vivos como importantes, merecedores de respeito, amor, compaixão e de poderem desfrutar desta vida: “é preciso apreciar todos os seres vivos, pois eles são extremamente bondosos comigo” (GESHE, 2013).

3.4 O (in)divíduo

Para o budismo, em nossa vida, o tempo todo estamos sofrendo *delusões* que geram sentimentos como raiva, apego, inveja, entre outros, nos afastando da obtenção de uma vida significativa e de realmente ser um ser humano. A pior das *delusões* é a ignorância do *agarramento ao em-si*. Desenvolver uma mente do *agarramento ao em-si* produz uma *mente* que acredita que o nosso self, o nosso corpo e todas as coisas que nos aparecem na vida, existem verdadeiramente, o que, conseqüentemente, gera uma *mente* autocentrada, fundamentada no auto-apreço que é

“a nossa visão normal que acredita “eu sou importante” e “a minha felicidade e liberdade são importantes” e que negligencia a felicidade e a liberdade dos outros. Ele é parte da nossa ignorância porque, na realidade, não existe um eu inerentemente existente. A nossa mente de autoapreço, contudo, aprecia esse eu e acredita que ele é mais importante do que tudo” (GESHE, 2015, pg. 75).

Portanto, ao desenvolvermos os valores da *bondade* e da *Compaixão*, nos afastaremos do *agarramento ao em-si*. Considerando a compreensão do *agarramento ao em-si* e dos diversos Renascimentos que todos os seres já tiveram e ainda vão ter, surge a ausência do conceito tradicional de indivíduo, como “eu”:

“indian concepts (like reincarnation) led early Buddhist philosophers to conclude that there is no independent “self” (Robinson, 38): Individuals and species are mere name and form—outward vestiges and labels applied to

something that is indistinct and transient—something that does not really exist. Annata reminds Buddhists that individual existence is a mirage: That which we understand to be self is mere matter in human form, soon to disintegrate physically, to be reborn in another temporary body. Anatta is consistent with a cosmos that perpetually changes, forming and reforming all beings” (KEMMERER, 2012, pg. 103).

O conceito da ausência do (in)divíduo, é interessante para pensarmos as indagações do que seria o animal, do que seria o ser humano e do que diferenciaria uns dos outros, pois mesmo sem uma resposta concreta, diante desta perspectiva, o que realmente torna-se importante é o que nos igualaria como seres. A individualidade, cai como um todo, esvaindo-se em questões fundamentadas egoicamente, “What can be the point of selfish ends when there is no self?” (KEMMERER, 2012), e em tudo o que nos é apresentado nesta realidade como distrações, ou seja, as *delusões*.

Partindo do conceito da não existência do indivíduo, como um “eu” egóico e prevalecedor perante os demais seres, e sim de um (in)divíduo¹⁰, a interconectividade de todos os seres se aprofunda:

“Thich Nhat Hanh teaches that we “can see everything in the universe in one tangerine” (Hanh, Peace, 22). One who looks deeply into a tangerine sees the grocer who stored and sold the fruit, the truck drivers and transporters who carried the fruit to the grocer, the pickers and fields where the fruit ripened and was collected, the sun and rain that allowed the fruit to ripen, and the tiny seed, tree, and earth—all of which were required to bring the tangerine to the table (Hanh, Peace, 21–22). Hanh calls this radical interconnection between a tangerine and the rest of the universe “interbeing.” (KEMMERER, 2012, pg. 104)

Diante disto, surge uma relação entre todos os seres, humanos e não humanos, pautada em pequeníssimas coisas, como pudemos observar na citação acima, através de observar uma tangerina como meio da bondade de diversos seres conectando-os com todo o universo, podendo também ser pensado como

“o conceito de pessoa fractal, que nos remete a Roy Wagner (The Invention of Culture, 1981), implicaria justamente uma constituição relacional da pessoa, onde a própria existência da entidade redundava sempre em relações, e onde cada parte contém em si as informações sobre o todo” (BASQUES, 2005, pg. 136).

Em contrapartida, a partir destes conceitos desenvolvidos no Budismo, cria-se um paradoxo entre interconectividade e individualidade. Pois, ao mesmo tempo que todos os seres, sejam eles humanos ou não humanos, estão conectados através da

¹⁰ Estou ciente da noção de indivíduo proposta por Marilyn Strathern para pensar em noções relacionais de pessoa radicalmente distintas da ideia do indivíduo moderno, uno e fechado sobre si mesmo. Espero poder aplicar as discussões desta autora ao meu material etnográfico em trabalhos futuros.

bondade de todos os seres, do parentesco na teia de inter-vida e da dispersão da *mente* com o *agarramento ao em-si*, também é estritamente essencial a mudança individual da *mente*, para praticar o *Dharma* e individualmente obter a *Iluminação*. No entanto, o *Ciclo do Samsara* só acabará quando todos os seres, humanos e não humanos, alcançarem a *Iluminação*, e somente assim, poderemos ser verdadeiramente felizes, relacionando assim, todos os seres.

Através dos conceitos desenvolvidos até aqui, pudemos observar como as relações entre seres humanos e não humanos são desenvolvidas dentro do Budismo teoricamente. Adiante, na Discussão, desenvolveremos como elas são estabelecidas na prática.

4. DISCUSSÃO

Para o Budismo, é dito que a vida de um ser humano e a vida de um ser animal são equivalentes em relação à importância da existência, devido, principalmente, à concepção de *mente* em distintos corpos através do Renascimento. Por isso, para os budistas, tirar uma vida animal seria equivalente a tirar uma vida humana. No entanto, desenvolveremos a seguir exemplos práticos que observei durante minha estadia no Templo para pensarmos sobre esta afirmativa.

Diferentemente dos animais, a vida de um ser humano é significativa, “mas somente se a usarmos para obter libertação permanente e a felicidade suprema da *Iluminação*” (GESHE, 2015). A vida humana é significativa, pois há a capacidade da *Iluminação*, ou seja, a libertação permanente do sofrimento, o encontro do *nirvana*, diferentemente dos seres não humanos¹¹. A vida humana é tão significativa que

“quando alcançarmos a *Iluminação*, teremos satisfeito todos os nossos desejos e poderemos satisfazer os desejos de todos os demais seres vivos; teremos libertado a nós próprios permanentemente dos sofrimentos desta vida e de incontáveis vidas futuras, e poderemos beneficiar diretamente todos e cada um dos seres vivos, todos os dias. A conquista da *Iluminação* é, portanto, o verdadeiro sentido da vida humana” (GESHE, 2015, pg. 28).

¹¹ “Isso é algo que só os seres humanos podem fazer. Animais podem juntar provisões, derrotar seus inimigos e proteger suas famílias, mas não podem compreender o caminho espiritual nem a ele se dedicar. Seria uma grande vergonha se usássemos nossa vida humana apenas para conquistar aquilo que os animais também conquistam, desperdiçando assim essa oportunidade única de nos tornarmos uma fonte de benefício para todos os seres vivos” (GESHE, 2013, pg. 47).

No entorno do Templo fica localizada a Serra do Japi, uma mata preservada, conseqüentemente há muitos insetos. Fui alertada diversas vezes, quando lá estava, para ter cuidado com a grama pelos insetos, para que ocasionasse o menor impacto possível, pois é o lar, a casa deles, tal como os monges-residentes, residentes, voluntários e hóspedes.

Ao conversar com residentes do Templo e praticantes budistas questionando sobre a importância da vida animal, foi-me dito que uma vida de um animal teria o mesmo peso de uma vida humana, pois “uma vida é uma vida”, sendo matar uma *ação não-virtuosa*, independente de ser um ser humano ou um ser não humano. Todas as ações praticadas por todos os seres humanos e não humanos resultam no *Karma*. O que determina o *Karma* de uma ação, é a *intenção* dela. Por exemplo, temos duas situações onde o fim é o mesmo: a morte de insetos. Porém com diferentes intenções e finalidades. Na primeira situação, que é uma situação cotidiana do Templo, observamos um ser humano cortar a grama com o intuito de que mais pessoas possam frequentar o local para gerar uma *mente de compaixão* e *paz interior*, mesmo que esta ação resulte na morte e destruição dos lares de diversos insetos, gerando um certo *Karma*. Já na segunda situação, um ser humano com uma *mente de raiva* e uma *mente de medo*, dá uma chinelada em uma barata que entrou em seu quarto, matando a barata. Nesta situação gerar-se-ia um *Karma* muito maior, pois a intenção é totalmente diferente da primeira situação, mesmo o fim sendo o mesmo. Portanto, a morte não teria o mesmo peso sempre, mas não pelo fato de serem seres humanos ou não humanos, e sim devido ao *Karma* e à *Intenção* que rege aquela *mente* nas diferentes situações. Contudo, renascermos nos reinos inferiores é algo extremamente fácil, pois diariamente cometemos diversas ações consideradas como um *Karma* negativo muito grave, como a segunda situação descrita acima.

Mesmo sendo dito que “uma vida é uma vida”, é estabelecido, na perspectiva budista, que a vida de um ser humano é mais significativa. Portanto, mesmo que a ação de matar um ser humano com raiva e um ser animal com raiva resultem no mesmo *karma*, na prática podemos observar diferentes situações, permitidas pela significância singular da vida humana. No caso da primeira situação descrita acima, é inevitável não destruir a casa dos animais, e até mesmo matá-los ao cortar a grama. No entanto, sem cortar a grama, não é possível que seres humanos possam frequentar o local do Templo. Sem frequentar o local do templo, será dificultada a

oportunidade de conhecer e/ou praticar o *dharma*. Consequentemente, os seres humanos não conseguirão alcançar a *Iluminação*, e então viverão constantemente no ciclo do *Samsara*, sofrendo vida após vida. Provavelmente, se fosse necessário destruir a casa de seres humanos para que as pessoas chegassem a um local, isto não seria feito.

Outra situação que eu vivenciei, elucidativa para essa questão, foi ao realizar a limpeza de quartos que seriam ocupados por visitantes, pois foi-me instruído que retirasse as teias de aranha de dentro do local. Quando questionei sobre a possibilidade de matá-las, foi-me orientado a prestar atenção e evitar ao máximo que matasse as aranhas, porém, ainda assim, que retirasse as teias, ou seja, destruísse suas casas. A razão para isso, é que se o quarto não tivesse uma limpeza devidamente minuciosa e estivesse com insetos, as pessoas não se hospedariam no Templo e, portanto, menos seres humanos entrariam em contato com a prática do *dharma*.

Com isto, podemos concluir que mesmo sendo dito que a vida de um ser humano e a de um ser animal são equivalentes, na prática observamos uma dependência da vida animal em relação a vida humana. Tanto no sentido prático-material, ou seja, em relação aos cuidados para sobrevivência, como também no sentido imaterial-filosófico, pois o fim do *Ciclo do Samsara* depende dos seres humanos. Ou seja, somente os seres humanos podem libertar os animais (e todos os outros seres) permanentemente do sofrimento, somente os seres humanos podem ativamente praticar o *Dharma*. Por isso, a significância da vida humana sobressai em sua importância na condição de existência.

Todavia, o Templo toma as ações possíveis para evitar ao máximo o sofrimento dos seres não humanos. A atenção a uma limpeza minuciosa e frequente é uma delas, pois, assim, evita que a maioria dos insetos e outros animais entrem nos recintos e sejam mortos. Outra maneira é o uso de repelentes eletrônicos ultrassônicos, que são capazes de repelir insetos e animais como ratos, formigas, aranhas, baratas, e outros, sem machucá-los, porém gerando um certo incômodo com as altas frequências sonoras emitidas, afugentando-os do local. Outra forma de evitar o sofrimento animal é a questão da alimentação, que será desenvolvida a seguir.

4.1 Alimentação

No templo, é proibido o consumo de qualquer alimento que contenha carne (boi, porco, frango e peixe), portanto todas as refeições oferecidas são vegetarianas. A alimentação vegetariana não é uma obrigação de um budista ou monge. Porém, está diretamente relacionada com a compreensão da importância da vida de todos os seres vivos e da contemplação do desenvolvimento da *Compaixão*, sendo este um ato considerado extremamente virtuoso.

“Toda pessoa que decide se beneficiar da prática do Budismo Kadampa tem completa liberdade com relação aos seus hábitos alimentares ou qualquer uso de qualquer outra substância. O que nós temos que entender, é que à medida que evoluímos, cada um tem a liberdade e a responsabilidade de buscar hábitos que contribuam com o seu progresso espiritual. Então, ser vegetariano, sempre será uma alternativa da pessoa que pratica. Talvez a pergunta melhor fosse: “por que eu deveria ser vegetariano?” Nós podemos pensar, quanto sofrimento é criado ao ceifarem vidas de peixes e outros animais, e a pessoa que passa o dia matando para que a gente possa desfrutar desses seres que antes eram vivos e com liberdade. É muito sofrimento envolvido. Normalmente, o budista Kadampa que opta por ser vegetariano, desenvolveu em seu coração uma forte compaixão, por aqueles que perderam sua vida, e também por aqueles que passam seus dias matando para que outros possam experimentar o prazer daquela ação tão hedionda. Isto também se aplica a utilização de qualquer outra substância. Então, se você fuma ou se você bebe, ou se você tem algum outro hábito, essa sempre será a sua liberdade. O que você precisa é pensar: no que este hábito me permitirá ser uma pessoa melhor? Mais serena, mais construtiva e menos dependente de condições exteriores para me sentir bem e beneficiar os outros. À medida que você progredir e encontrar suas próprias respostas, na sua liberdade e no seu tempo, você toma as suas decisões. Cabe ao Professor Kadampa orientar as pessoas e aconselhá-las, mas cabe a cada pessoa decidir quando é o momento de dar um passo importante para a sua prática espiritual. (DRIME, 2021, YouTube Vídeo “Todo praticante budista precisa ser vegetariano?”)

A partir desta reflexão proposta por Gen Kelsang Drime, é interessante percebermos que a opção de não se alimentar de animais não gera *Compaixão* somente pelos animais, mas também pelos seres humanos que matam estes animais diariamente para o consumo de tantos outros seres humanos. Pois na concepção Budista, o ser humano que está ativamente realizando a ação de matar animais está cometendo *ações não virtuosas* muito negativas e, conseqüentemente, gerando *Karma* negativo para esta vida e suas próximas. Portanto, ao optarmos por não nos alimentarmos de animais, estamos causando impacto tanto em vidas animais como humanas também.

Apesar da alimentação sem animais não ser um compromisso obrigatório, como um voto, é um exemplo a ser seguido, dado pelo Templo como instituição.

“In the Buddhist view, animal agriculture causes great harm not only by confining animals¹², but also through slaughter: Buddhist writings remind people that “even the tiniest creatures don’t wish to die” and that we must “stop creating pain for others” (Kornfeld, 99) (KEMMERER, 2012, pg.96).

Compreendendo a importância da vida do animal, a alimentação é uma das maneiras de gerar e praticar a *compaixão*. A prática budista requer mudanças no objetivo do nosso apreço, refletindo, por exemplo, no que comprar, vestir e comer. Portanto o veganismo pode ser visto como uma dessas mudanças:

“the correct question is not, “Should I be a vegetarian?” but “Should I participate in the unnecessary killing of sentient beings?” It is not about us; it is about the animals. A vegan lifestyle is not a dogma, it is an essential element of Buddhist compassion” (KEMMERER, 2012, pg.108).

Apesar da questão da alimentação estar relacionada à prática da *Compaixão*, da equanimidade e da compreensão da importância de todos os seres, ela se torna ainda mais profunda considerando o fato que, para os budistas, podemos renascer como um animal e, portanto, ao se alimentar de animais, entraríamos em um ciclo, pois estaríamos plantando *Karmas* negativos e conseqüentemente nasceríamos no reino inferior, experienciando nossas próprias ações cometidas. Ou, ainda pior, o animal que podemos estar matando para nos satisfazer poderia ser um membro de sua família. Desta forma, Geshe-la elucidada:

“devemos nos perguntar: “Se eu morrer hoje, onde estarei amanhã? É muito provável que eu me encontre no reino animal, entre os fantasmas famintos ou no inferno. Se alguém hoje me chamasse de vaca estúpida, acharia difícil tolerar isso, mas o que eu faria se realmente me tornasse uma vaca, um porco ou um peixe – o alimento de seres humanos?” (GESHE, 2015, pg.35).

A percepção budista de que a qualquer momento em que você mata um inseto, ou come um animal, poder ser o momento de causar extremo sofrimento à sua mãe, ou pai, ou à qualquer familiar, pela questão da *mente* poder ocupar um

¹² A autora Lisa Kemmerer, opta por utilizar o termo “anymal” a partir da junção de “any” e “animal”. Trata-se da abreviatura de “any animal that does not happen to be the species that I am.” (KEMMERER, 2012). No caso do seu livro, sendo ela um ser humano, “anymal” se refere a qualquer animal que não seja humano. O termo “anymal” é uma crítica à separação dos humanos em relação aos animais como categoria, pois seres humanos são animais. Ela enfatiza a importância do termo, devido a como “language effects actions” (KEMMERER, 2012), portanto, como os chamamos, afeta a nossa relação com estes outros seres, constituindo um afastamento e, conseqüentemente, levando também a um afastamento ao seus sofrimentos, resultando em descaso. Logo, o uso de “anymals” tem o objetivo de nos lembrar as semelhanças moralmente pertinentes entre todas as espécies de animais.

corpo humano ou não humano, se transpõem em um tipo de metamorfose, conceito descrito por vários autores (ver VIVEIROS DE CASTRO, 2004), e no qual “não se pode mais diferenciar o humano do animal, e, sobretudo, o temor de se ver a alma humana que insiste sob o corpo animal que se come.”

Portanto, para o Budismo, o futuro da vida dos seres humanos é fundamentado, principalmente, na relação estabelecida com os seres não humanos. Mas não somente por serem seres não humanos, pois não o são verdadeiramente, e sim estão, neste momento, com o corpo não humano como morada temporária. Logo, na verdade, tal relação é pautada pela interconexão com todos os seres vivos.

“No animal is so insignificant—each being is on their own spiritual path, and when we come into contact with these myriad creatures, our spiritual paths are linked. How we treat animals matters not only to them, but to our future lives” (KEMMERER, 2012, pg.95).

4.2 “Se eu fosse um mosquito, gostaria que entendessem que eu não sei como esse mundo funciona”

Partindo da lógica budista, através do desenvolvimento da *Compaixão*, da prática da bondade e da importância da existência de todos os seres vivos, é esperado do ser humano, no mínimo, este ser que vive no reino superior, ter compreensão para com seres não humanos. Desta maneira, cabe aos seres humanos se questionarem: “como eu posso desenvolver maneiras para não prejudicar os outros seres vivos?”. Por este motivo, é tão grave matar um inseto com uma *mente* de raiva, pois devemos olhar para os seres não humanos e pensar: “se eu fosse um mosquito, gostaria que entendessem que eu não sei como esse mundo funciona”. Portanto, além de todas as questões já elucidadas até aqui, o ínfimo esperado de um ser humano que realmente age de acordo como um ser humano é ter uma *mente* de paciência e uma *mente* de amor com todos os seres vivos.

Além disso, a perspectiva budista que supõe renascimentos em infinitas vidas, associa todos os seres, sejam eles humanos ou não humanos, em uma relação de parentesco, na qual se torna mais um motivo para desenvolver este tipo de *mente virtuosa*. Porque, se devemos desenvolver a bondade e a *compaixão*, por compreender que todos os seres, sem exceção, são bondosos conosco, compreendermos que também são nossos parentes, como mães e pais, de infinitas vidas, torna-se ainda mais virtuoso.

No Templo, conversando sobre a questão do parentesco com um monge e demais voluntários, foi me questionado: “quando sua mãe morrer, ela deixará de ser sua mãe?” Ao que eu prontamente respondi: “não”. Então o monge prosseguiu: “pois então, ela morrerá e ainda será sua mãe. Por que o mesmo não aconteceria em vidas anteriores ou futuras?” Dessa forma, considerando que não somos o “eu” presente aqui, e sim que possuímos um *continuum mental*, no qual nos relacionamos com diversos seres, sejam eles humanos ou não humanos, nesta ou em outras vidas, todos os seres vivos possuem uma relação de parentesco estabelecida uns com os outros. Também pude presenciar no Templo, enquanto realizava limpeza dos locais, pessoas-residentes-budistas pedindo licença às formigas referindo-se a elas como “mães”, em um certo tom descontraído.

Portanto, a crença budista do Renascimento e do parentesco fundamenta a escolha de não matar animais, visto que

“os animais experienciam libertação temporária do sofrimento humano; e os humanos experienciam libertação temporária do sofrimento animal. Podemos estar, neste momento, livres de sofrimento físico e de dor mental, mas isso é apenas temporário. Mais tarde, nesta vida e em nossas incontáveis vidas futuras, teremos de experienciar insuportável sofrimento físico e dor mental muitas vezes, sem-fim” (GESHE, 2015, pg.8).

5. CONCLUSÃO

“Seremos também nós, como seres humanos individuais, não mais que um meio que vive e ama, luta e morre, em prol do todo social?” (ELIAS, 1994, pg.15)

Considerando as argumentações já elucidadas, podemos concluir que, para o Budismo, todos os seres vivos possuem diversas questões em comuns:

- Todos os seres conhecem o sofrimento.
- Todos os seres desejam evitar os problemas e sofrimentos apresentados na vida.
- Todos os seres estão interconectados através dos produtos da existência e dos infinitos Renascimentos.
- Todos os seres possuem uma relação de parentesco estabelecida em uma teia de inter-vida.

- Todos os seres realizam ações, seja mentalmente ou materialmente, criando causas para vivenciar um *Karma* diante das ações realizadas.

Também conseguimos observar que, para o Budismo, todos os seres, sejam humanos ou animais, podem oferecer sabedoria espiritual para a compreensão e melhoramento da humanidade (KEMMERER, 2012). Notamos, também, que para seguir um caminho budista moderno não há necessidade de se isolar em uma caverna na montanha, e sim mudar a *mente* e estabelecer valores. Sendo assim, o *dharma*, é apresentado como uma prática possível, independente da vida exterior.

Considerando a prática do Dharma e a filosofia não-especista, teoricamente, o Budismo poderia ser visto como uma religião que abrangeria todos os seres, independentemente de raça, classe, gênero, idade e espécie, inter relacionando a responsabilidade de todos os seres uns com os outros.

Através dos conceitos desenvolvidos no texto, como o de Renascimento, compreendemos que, para o budismo, esta vida material atual seria apenas um “meio” para que chegássemos ao “fim” do bem-estar social de todos os seres vivos, pois somente assim, poderíamos realmente compreender a felicidade suprema e vivenciar a paz absoluta. Devemos então, dedicarmos toda a nossa existência atemporal para que todos os seres vivos possam um dia chegar também à *Iluminação*, rompendo a Roda-da-vida, o *Ciclo do Samsara*. Por isso, não basta alcançarmos a *Iluminação* individualmente. Mesmo com o paradoxo estabelecido entre individualidade e interconectividade, o Budismo nos leva a refletir sobre a importância de todos os seres simplesmente por existirem e se relacionarem, oportunizando uma maneira genuína de pensarmos e agirmos em relação aos seres humanos e não humanos. Desta forma, os ideais budistas tornam-se interessantes para pensarmos sobre a crise civilizatória em que vivemos, seja no âmbito político, econômico, social, ecológico, ético e moral.

Além do mais, a partir da concepção budista, países como o Sri Lanka adotaram obrigações sociais para proteger todos os seres vivos, resultando em, por exemplo, a proibição do abate de bois e vacas (KEMMERER, 2012).

A relação entre seres humanos e não humanos, estabelecida a partir da perspectiva budista, nos leva a questionar uma obrigação moral em como tratamos os animais, clamando por uma mudança, tanto em nossos valores, como na maneira com que tratamos e vemos os seres não humanos. Pedindo para que reconheçamos a sua importância, seus direitos de obterem uma vida sem sofrimento, sem dor e de

serem felizes, e gerando, assim, um bem-estar mútuo, entre seres humanos e seres humanos e seres humanos e não humanos.

Portanto, os ideais da prática budista podem ser vistos como uma maneira de

“haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito” (ELIAS, 1994, pg.15).

As religiões podem proporcionar a compreensão de uma unidade profunda e fundamental no planeta Terra, a interconexão de seres humanos e não humanos. Através do Budismo, é possível pensar em como há uma maior proximidade e continuidade entre as espécies do que uma separação tal como proposta pela biologia científica e pela ontologia judaico-cristã (KEMMERER, 2012).

Sendo assim, os animais são bons para pensarmos, seja na realidade social, na cosmologia (budista ou não), em nós mesmos, individualmente ou como humanidade, ainda que surjam mais dúvidas do que respostas. Entretanto, o que é possível compreender é a importância da existência de todos os seres vivos e as distintas maneiras de nos conectarmos, relacionarmos e vivermos, juntos, pois

“se há algo que conecta todos estes seres, que os faz poderem ser todos reunidos aqui, isso talvez se deva ao fato de que tratamos com seres vivos não humanos (Dransart 2015). Assim, para nós, o animal é – ou, melhor, os animais são – muitas e várias coisas. Mas são, acima de tudo, seres vivos, que demandam respeito e proteção. Eles são seres em si mesmos, com capacidades plenas e que habitam o mundo (seus mundos?) à sua maneira, da melhor maneira que podem. Nem melhor nem pior do que as nossas maneiras: apenas distintas. (VANDER VELDEN, 2015, pg.13)

6. GLOSSÁRIO

Ações virtuosas: ações positivas, que geram felicidade futura.

Ações não virtuosas: ações negativas; as que causam sofrimento e prejuízo às outras pessoas, surgem da nossa raiva, irritação, inveja, egoísmo, etc. Exemplos: matar, roubar, má conduta sexual, mentir, discurso divisor, discurso ofensivo, tagarelice, cobiça, maldade e sustentar visões errôneas.

Agarramento ao em-si: a ignorância sobre como as coisas realmente existem; a fonte de todo o sofrimento; delusões venenosas que nos prendem ao apego.

As três jóias do Budismo: *Buda*, o ser o iluminado, *Dharma*, as práticas de Buda (palavra que significa proteção) e *Sangha*, a comunidade de praticantes, sua

única intenção é desenvolver-se espiritualmente para beneficiar a todos os seres vivos.

Ciclo de Samsara: Ciclo de vida impura (sofrimento) que temos experienciado desde tempos sem início, continuamente, vida após vida, sem-fim. Ciclo de renascimento contaminado.

Compaixão: É uma mente motivada a apreciar outros seres vivos e que deseja libertá-los de seus sofrimentos; É uma mente virtuosa muito especial, através dela desejamos que todos os seres vivos, sem exceção, possam ser felizes e se libertar definitivamente do seu sofrimento; está relacionada a uma mente altruísta (o contrário de uma mente de auto apreço).

Continuum mental: O conjunto de todas as mentes obtidas por cada ser em infinitas vidas. A mente mantém uma trajetória contínua, portanto não retorna para o mesmo lugar.

Delusões: aflições mentais que trazemos conosco de outras vidas; percepções errôneas que atuam destruindo a nossa paz mental, a fonte de felicidade; ilusões relacionadas principalmente ao agarramento ao em-si.

Dharma: conjunto de ensinamentos e instruções de Buda (O Desperto); Buda buscou um método para libertar as pessoas do sofrimento e, a partir da prática da *meditação*, alcançou o *Nirvana*; conseqüentemente, esta mente é capaz de compreender todos os fenômenos verdadeiros, como as coisas realmente são, sem confusões e ilusões; Significa “proteção”, através da prática dos ensinamentos de Buda, nos protegemos contra os problemas e sofrimentos mundanos.

Felicidade: é a obtenção de Paz interior, ou seja, estados mentais virtuosos.

Iluminação: A Iluminação é a luz interior de sabedoria que é permanentemente livre de toda aparência equivocada e que atua concedendo paz mental para todos e cada um dos seres vivos, todos os dias.

Karma: ações virtuosas ou não virtuosas, sejam elas físicas, verbais e mentais.

Meditação: ferramenta utilizada para buscar caminhos interiores, pois é capaz de remover as sujeiras mentais, trazendo maior serenidade e, conseqüentemente, gerando mudanças mentais; ação mental virtuosa em busca de paz na mente; contato com nossa esfera interior; modo de familiarizar a mente com virtude e, conseqüentemente, obter maior controle mental e transformação da nossa

percepção mundana; constante reflexão e autoconhecimento, condições que os seres não humanos não possuem.

Mente: a grande geradora de tudo; Mente e consciência são sinônimos; atua percebendo ou entendendo objetos. É acessada através da *meditação*.

Nirvana: Estado de consciência livre e puro, de mente pacífica, livre das *delusões* e dos estados mentais negativos; suprema paz mental permanente.

7. REFERÊNCIAS

BASQUES, Messias. LIMA, Tânia Stolze. 2005. **Um Peixe Olhou Para Mim:** o povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: UNESP/ ISA/ NUTI. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], p. 135-139, dez. 2007. ISSN 2317-6830. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/11164/7768>>

DRIME, Kelsang, Gen. Templo Pela Paz Mundial. **Todo praticante budista precisa ser vegetariano?**. YouTube, 19 out. 2021. Disponível em:

 [Todo praticante budista precisa ser vegetariano?](#)

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994. Tradução de Vera Ribeiro.

FOLTER, Regiane. 2020. **O que é especismo? E o movimento antiespecista?**. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/especismo-e-antiespecismo/>>

GESHE, Kelsang, Gyatso. **Budismo moderno:** o caminho de compaixão e sabedoria; São Paulo: Editora Tharpa, 2015.

_____. **Como transformar a sua vida:** uma jornada de êxtase; São Paulo: Editora Tharpa, 2017.

_____. **Oito passos para a felicidade:** o caminho budista da bondade amorosa; São Paulo: Editora Tharpa, 2013.

_____. **Caminho alegre da boa fortuna:** o completo caminho budista à iluminação; São Paulo: Editora Tharpa, 2010.

KEMERER, Lisa. **Animals and world religions;** New York: Oxford University Press, 2012.


OXFORD LANGUAGES; Copyright © 2022 Oxford University Press; Busca por: **“Humanidade” e “Seres sencientes”**.

PIVATTO, Pergentino. **A questão do humano e o animal rationale**; Rio Grande do Sul: Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ISSN 0042-3955, Vol. 51, Nº 2, 2006.

PLATÃO. **A República**: Livro I. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.

SINGER, Peter. **Libertação animal**: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SINGER, Peter. Fronteiras do Pensamento. **Peter Singer - O status moral do sofrimento**. YouTube, 29 jan. 2014. Disponível em

 [Peter Singer - O status moral do sofrimento](#)

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais; São Paulo: Companhia das Letras, 1983. Tradução de João Roberto Martins Filho.

VANDER VELDEN, Felipe. Apresentação ao Dossiê da R@u - Revista de Antropologia da UFSCar, 7 (1), jan./jun. 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**: O que nos faz pensar, [S.l.], v. 14, n. 18, p. 225-254, sep. 2004. ISSN 0104-6675.